

Editorial

Vitor Bartoletti Sartori

Publicamos o atual número no momento em que a esquerda brasileira comemora o início do terceiro mandato de Lula. Do ponto de vista da maioria daqueles que apoiaram a candidatura, qualquer tom crítico quanto ao presente poderia parecer “fazer o jogo da direita”; a primeira coisa a se dizer é: não nos enquadramos entre esses setores. Este número duplo da *Verinotio* (relativo ao segundo semestre de 2022 e ao primeiro de 2023) é uma denúncia da miséria intelectual em que nos encontramos hoje. E, assim, essa publicação – que sai ao mesmo tempo em que o primeiro livro das Edições Verinotio, *O futuro ausente*, de J. Chasin – parte da convicção que a capitulação diante do presente está no cerceamento da crítica e em fechar os olhos diante da ausência de perspectivas e de posicionamentos teoricamente fundamentados.

É necessário dizer de modo explícito: as chamadas esquerdas foram essenciais para a derrota eleitoral – e destacamos o “eleitoral” – do projeto de extrema-direita de Bolsonaro, dos militares etc. Isso não é pouco, certamente. Sem o protagonismo daqueles à esquerda, a vitória bolsonarista seria certa. Nesse sentido, tem-se um respiro.

O respiro diante de uma situação sufocante, porém, traz também a urgente necessidade de preparação para o que se segue e que ainda precisa ser compreendido com cuidado. Ou seja, o alívio imediato não pode se confundir com o caminho para que se rompa com a miséria material e intelectual que marca o Brasil e o mundo atuais. A embriaguez com a vitória eleitoral corre sempre o risco de encobrir a derrota social a que a perspectiva do trabalho vem sendo submetidas diuturnamente há muito tempo. Nesse sentido, a atitude mais perigosa no momento é acreditar que, agora, as coisas se colocam nos eixos, depois de um desvio meramente circunstancial. Tal ilusão pode ser muito perigosa. Acreditamos que este número duplo da revista também é um alerta sobre isso, e sobre o modo insuficiente, por vezes descuidado, pelo qual pensamos (nós todos inclusos, evidentemente) o modo de produção capitalista em sua figura contemporânea.

Os textos da presente *Verinotio* estão divididos em três sessões: 1) dossiê sobre *O futuro ausente*, de J. Chasin; 2) Tradução de um texto de Walter Benjamin sobre a literatura soviética posterior à Revolução Russa de 1917; 3) Artigos de tema livre. Os textos falam por si mesmos, de modo que não cabe resumi-los ou explaná-los nesse espaço. Porém, há de se destacar alguns pontos mais gerais sobre a nossa orientação editorial.

O primeiro deles é a necessidade de publicação dos clássicos do marxismo, como Walter Benjamin. Mesmo que a revista não se alinhe diretamente com a teorização benjaminiana, é necessário reconhecer a qualidade do autor, sua seriedade e o comprometimento de seus textos com a escavação da realidade do capitalismo. Ou seja, o clubismo, o “Fla-Flu”, inerente a grande parte da academia nacional e internacional, não pode ter espaço quando se trata de tentar manter o primor na qualidade editorial.

Segundo ponto: a discussão e o embate de qualidade precisam ser estimulados. Os dois textos de tema livre que publicamos tratam de debates estéticos, os quais poderiam ser julgados muito distantes das classes trabalhadoras; e, novamente, é preciso pontuar: não compartilhamos de quaisquer ímpetos imediatistas quanto à função social das formações ideais. Somos partidários dos debates de qualidade sobre os grandes problemas que marcam os rumos do gênero humano, como aqueles colocados na arte.

Por fim, deve-se dizer que, no dossiê que aqui publicamos, o presente número traz debates que partem das teorizações de J. Chasin. Trata-se de um autor que muitas vezes é criticado sem qualquer conhecimento sobre sua obra. Não raro, confunde-se, por exemplo, determinação ontonegativa da politicidade com o abandono da política, com o abstencionismo e com uma espécie de consciência infeliz (mesmo que os detratores do autor, não raro, nem sequer saibam alguma coisa sobre essa figura mencionada). Sobre isso, acreditamos que qualquer pessoa que se disponha a ler esse número e o livro *O futuro ausente* perceberá que tais posicionamentos carecem completamente de fundamento.

Os textos aqui reunidos mostram como as determinações do pensamento chasiniano estão, em seus fundamentos, no próprio Marx. E mais: não só nas obras dos anos 1843-44, para as quais os marxistas althusserianos torcem o nariz, mas também em textos como os *Grundrisse*, *A guerra civil na França* e *O capital*, dentre

outros. Que seja possível discordar disso, não achamos impossível. Porém, para fazer isso, é necessário confrontar as citações marxianas, o estudo do pensamento de Marx e os desenvolvimentos que foram propiciados pela pessoa e pela obra de Chasin, bem como por aqueles que o seguiram.

Até agora, no entanto, a tática adotada diante do filósofo paulista e de suas teorizações foi quase unânime: trata-se de uma conjunção de ataque a um espantalho dolosa e vergonhosamente construído e da guerra do silêncio, que, não raro, passa longe de ser inocente. Ou seja, para dizer o mínimo: o rechaço da posição chasiniana não foi realizado com honestidade intelectual e com o crivo do debate público de qualidade.

Dentre outras coisas, acreditamos que esse debate que precisa ser resgatado; a regeneração (para que se use uma expressão de Marx, que quase nunca é lembrada) dos embates de qualidade na esquerda é uma necessidade do presente. Sem ela, na melhor das hipóteses, gira-se em falso, enquanto a direita e extrema-direita ganham fôlego, ocupam espaços e tomam a dianteira na formação de uma consciência de massa. Se o velho mouro disse que é necessária a formação de uma consciência comunista de massa, é preciso que reconheçamos que estamos muito longe disso. Certamente, isso ocorre devido à configuração do capitalismo atual, que ainda precisa ser compreendido devidamente. Porém, dentro dessa configuração, estão também as posições desenvolvidas à esquerda. Até agora, elas vêm sendo parte do problema, de modo que Chasin foi duro: trata-se da pseudoesquerda, da esquerda morta. Talvez seja preciso digerir essa enorme derrota – sem nunca recair em abstencionismo – para que possamos avançar.

Para que isso seja possível, há de se destacar, também, como os textos aqui trazidos deixam claro: há desenvolvimentos originais do autor de *Marx*: estatuto ontológico e resolução metodológica que precisam ser debatidos. Seria possível trazer vários exemplos, mas o momento atual de nosso país faz com que mencionemos a teorização chasiniana sobre a miséria brasileira. Ela tem especificidades que fazem com que precise ser estudada a fundo; também é uma exclamação contra a adoção acrítica de modelos prontos para se tratar da realidade e da particularidade nacional do capitalismo brasileiro.

Por isso, acreditamos que a leitura do presente volume duplo, bem como de *O futuro ausente*, pode ser uma modesta contribuição diante da situação em que se

encontra o Brasil. Debates teóricos de qualidade, estudo da obra do próprio Marx, bem como dos clássicos, compreensão do ser-propriadamente-assim do capitalismo contemporâneo, nacional e internacional, são o mínimo para que possamos avançar. Caso fiquemos repetindo as cantilenas do passado e torcendo para que finalmente tenham efeito, não nos diferenciaremos muito de religiosos, na melhor das hipóteses, heréticos. Também não teremos moral alguma para criticar aqueles que procuram retomar de modo acrítico ídolos do passado e momentos do passado. É preciso atacar a tentativa de resgatar a ditadura militar de 1964, bem como os militares: é óbvio. Porém, fazer isso com uma espécie de oscilação entre a esperança e o medo, oscilação essa que se nutre da nostalgia quanto aos momentos supostamente áureos da esquerda do século XX é, no mínimo, ilusório. Não queremos simplesmente jogar um balde de água fria naqueles que estão esperançosos quanto ao presente; intentamos o mínimo que se pode exigir da esquerda: autocrítica, debate de qualidade, compreensão fundamentada sobre o passado e sobre o presente e, por fim, um posicionamento firme contra o sistema capitalista de produção. Tomar os anos de 2002 a 2016 como um modelo é a antítese direta disso. Tentar simplesmente resgatar os bons tempos do marxismo do século XX também não é solução. Para que se possa refletir sobre um futuro ausente, sobre a crítica da política e a necessidade da luta pela emancipação humana, oferecemos ao público o presente número, bem como o texto de J. Chasin.

Belo Horizonte, março de 2023